



SABERES POPULARES: EXPLORANDO AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA ENQUANTO PIBIDIANOS

Eduarda Farias da Silva ¹

Elize Francisco Klein ²

Luiz Felipe Francisco de Oliveira ³

Andrea Helena Petry Rahmeier ⁴

Magnus Cesar Ody ⁵

RESUMO

O presente relato de experiência é o resultado de uma exposição intitulada “Religiões de Matriz Africana: explorando suas diferenças e diversidades”, realizada no segundo semestre de 2023, em uma escola da rede municipal de Taquara/RS, pelo grupo de pibidianos do subprojeto interdisciplinar das Faculdades Integradas de Taquara, envolvendo estudantes dos cursos de Licenciatura em Matemática e História. O objetivo principal da exposição foi proporcionar aos estudantes do oitavo ano do Ensino Fundamental, conhecimento e compreensão das religiões de matriz africana, tais como Umbanda, Quimbanda e Nação Cabinda. A exposição tinha o intuito de desmistificar termos e objetos utilizados nas religiões e foi guiada por um dos participantes do Programa e praticante das religiões, pois nos baseamos no conceito de escrivência de Conceição Evaristo. A exposição foi organizada em cinco momentos: Primeiro apresentação das três religiões e suas principais características com utilização de trajes e objetos; após a musicalização utilizada nelas, com a exposição de instrumentos; e, por fim, relatos de experiências de pessoas praticantes. Cada religião foi representada por suas cores, oferendas e por uma entidade, neste caso as entidades escolhidas foram a Pomba Gira para a Quimbanda, Ogum para a Umbanda e Iemanjá para a Nação Cabinda. Para cada uma delas foi exposto um manequim com trajes e acessórios utilizados nos terreiros. Esta escolha se deu com a intenção de trazer elementos diversos que resultam na narrativa específica sobre cada uma, visto que a composição das religiões é vasta. Observou-se que a proposta possibilitou diálogos não discriminatórios, a sensibilização sobre a importância das diversas vertentes religiosas, o sentimento de pertencimento dos alunos praticantes destas religiões no ambiente escolar, bem como, a valorização da riqueza cultural do Brasil na comunidade escolar.

Palavras-chave: Educação, Religião, Interdisciplinar, PIBID.

¹Graduando pelo Curso de História das Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT - RS, eduardafarias@sou.faccat.br.;

²Graduando do Curso de Matemática Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT - RS, elaizeklein@sou.faccat.br.;

³Graduando pelo Curso de Matemática da Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT - RS, luiz.felipe.oliveira@sou.faccat.br.;

⁴ Professor orientador: Professor das Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT - RS, magnusody@faccat.br.

⁵ Professora das Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT - RS, andrearahmeier@faccat.br ;





INTRODUÇÃO

Para Paulo Freire “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2023, p. 15), foi a partir da reflexão acerca dessa fala que este projeto buscou proporcionar aos estudantes da E.M.E.F. Rosa Elsa Mertins vivências no ambiente escolar para a construção de conhecimento em momentos que perpassam a sala de aula. O presente relato descreve a experiência do projeto “Religiões de Matriz Africana: Explorando Diferenças e Diversidade”, desenvolvido por bolsistas do PIBID das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT) na instituição supracitada anteriormente.

A escola está localizada no bairro Santa Rosa, em Taquara/RS, é uma instituição pública urbana que atende a estudantes de diversas classes sociais, com turmas da educação infantil ao nono ano do ensino fundamental totalizando, em 2023, aproximadamente 670 matriculados. A receptividade da unidade escolar foi fundamental, uma vez que demonstrou sintonia com os objetivos do programa, acolhendo os bolsistas e incentivando a troca de saberes.

O projeto teve como objetivo central conceituar e apresentar aspectos das religiões de matriz africana – Umbanda, Quimbanda e Nação Cabinda –, utilizando objetos representativos para ilustrar seus principais elementos ritualísticos. Ademais, buscou-se: perceber as diferenças entre essas tradições; contextualizar seus processos históricos e de sincretismo religioso; e desmistificar concepções sociais equivocadas a elas relacionadas.

A justificativa para a elaboração do projeto deu-se a partir de um relato de experiência de um dos integrantes do grupo que durante sua trajetória escolar, não viu sua religião representada no ensino formal. Este relato foi pensado para que os estudantes da escola tivessem acesso aos elementos da Umbanda, Quimbanda e Nação, bem como vissem essa representação dentro da escola em uma aula de ensino religioso.

A exposição foi elaborada com base nas demandas do professor da disciplina e nos conhecimentos práticos do pibidiano que é praticante destas religiões. Os resultados junto à comunidade escolar foram significativos: os *feedbacks* indicaram que a atividade agregou valor à formação discente, especialmente pela desmistificação de termos e objetos religiosos durante a mediação.





Este relato está organizado em cinco seções: introdução, referencial teórico, metodologia – na qual se descreve todo o processo de elaboração e execução do projeto –, seguidas pela apresentação breve dos resultados, discussões e considerações finais acerca das repercussões da iniciativa no contexto escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

A elaboração deste projeto necessitou de um referencial teórico que fundamentasse a intervenção tornando-a coerente com os preceitos da educação antirracista. Esse arcabouço teórico é essencial para fornecer as lentes conceituais que orientam a desconstrução de preconceitos e a abordagem desses sistemas de crenças a partir de suas próprias bases epistêmicas, utilizando, sobretudo, os saberes populares como eixo central da exposição.

Conforme Silva (2022) as contribuições das populações negras e indígenas para a formação da identidade nacional brasileira não recebem a devida ênfase no ambiente escolar do dia a dia, apesar das diretrizes estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) 9.394 de 1996, como também as Leis Nº 10.639 de 2003 e Nº 11.645 de 2008. Nesse contexto, a educação acaba sendo estratificada, devido a falta de articulação política de gestores responsáveis pela temática e por não haver uma proposta pedagógica articulada com os preceitos da educação antirracista.

A escola como um espaço que reproduz lógicas sociais, logo encontramos nela também relações que desvalorizam o que é entendido como contra-hegemônico nas culturas o que impacta negativamente as pessoas negras e nas praticantes das Religiões de Matriz Africana (Nascimento, 2017). Por meio do projeto buscamos dar um passo em direção ao que a Rocha (2009) denomina de "fase do avanço" momento em que se repensa o papel que a escola deve desempenhar como agente de transformação em uma sociedade, buscando não tratar sobre o assunto, que está diretamente ligado à formação brasileira, de forma simplista e apenas como data comemorativa, mas carregada de sentido e desenvolvendo valores relacionados ao respeito às diferenças. Para a autora, muitas escolas ainda estão nas fases denominadas pela autora de “fase da invisibilidade” e “fase da negação”.

É preciso desconstruir a cultura negra apenas como folclore, banalizando da sua influência na formação do povo brasileiro. Uma abordagem educacional antirracista visa





dedicar esforços à elaboração de uma política educacional que possibilite o desenvolvimento de uma pedagogia inclusiva, capaz de abranger a diversidade social, cultural e étnico-racial, ao mesmo tempo em que reconhece e valoriza as contribuições socioculturais das populações historicamente marginalizadas na formação da sociedade brasileira (Rocha, 2009; Silva, 2022).

Para Rocha (2009), será necessário afastar o pensamento de que a questão racial é conteúdo apenas de história. Neste projeto estão envolvidos acadêmicos do curso de História e Matemática, bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) realizando uma intervenção em aula de Ensino Religioso demonstrando a experiência de uma atividade interdisciplinar.

Ao nos debruçarmos sobre a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), identificamos algumas competências e habilidades pertinentes ao nosso projeto, optando pelas seguintes: Competência Específica de Ensino Religioso: 2. Compreender, valorizar e respeitar as manifestações religiosas e filosofias de vida, suas experiências e saberes, em diferentes tempos, espaços e territórios; Habilidade: (EF08ER03) Analisar doutrinas das diferentes tradições religiosas e suas concepções de mundo, vida e morte (BRASIL, 2018).

A metodologia adotada alinha-se a referenciais pedagógicos que priorizam a interação social e a curiosidade ativa. Para Vygotsky (2007), o aprendizado do indivíduo não pode ser dissociado do contexto social, cultural e histórico em que está inserido; para conhecer e elaborar conceitos, o ser humano precisa interagir com outros membros de sua espécie e com o meio. Esse pensamento se harmoniza com a justificativa deste trabalho, que se baseia no relato de um dos integrantes do grupo que não teve a oportunidade de partilhar sua vivência religiosa enquanto estudante.

Da mesma forma, quando Freire (2023) afirma que não se deve "conhecer pelo aluno", mas sim "desafiá-lo a conhecer", essa abordagem é incorporada ao projeto, que foi pensado com o intuito de familiarizar os estudantes com o tema, mas, sobretudo, gerar neles a curiosidade necessária para que pudessem sair de sua zona de conforto. Conforme Nascimento (2017) os signos de Exu e Ogum podem ser bons exemplos de como tornar a escola um lugar menos opressivo.





Essas duas divindades são vinculadas aos caminhos, à comunicação, à política, e aos conflitos, de algum modo, à educação vêm ensinando que não há necessidade de uma suposição para que todos pensem do mesmo modo, mas sim de que o mundo é criado coletivamente e que devemos preservar as diferenças mesmo em meio a conflitos.

Os saberes populares são compreendidos como uma construção sócio-cultural e epistêmica dinâmica, forjada por comunidades como as afrodescendentes e transmitida predominantemente pela via oral e ancestral, desenvolvida à margem do sistema social formal e profundamente enraizada em seus valores, formas de vida e crenças míticas (Miranda, 2009). Essa sabedoria popular manifesta um logos vital, como aponta Brito (2000), cuja unidade fundamental de coerência é a própria vida, conferindo-lhe uma poderosa dimensão ética e de resistência contra a lógica de exclusão e homogeneização da sociedade moderna.

Desse modo, ao se conceber uma exposição sobre o universo das religiões afro-brasileiras, é imperativo que o etnoconhecimento apresentado por Evangelista (2019) seja a base curatorial, respeitando a cosmovisão africana onde a religiosidade implica uma compatibilidade e complementaridade global de todas as disciplinas e domínios do saber, em um esforço contínuo de contraposição à perspectiva eurocêntrica que historicamente buscou desqualificar e sujeitar esses conhecimentos aos cânones da ciência tradicional (Miranda, 2009).

Por fim, buscamos o conceito de “escrevivência” criado por Conceição Evaristo e para nós exposto pelas coordenadoras do PIBID, Andrea Petry Rahmeier, e Residência Pedagógica, Luciane Ralph, durante uma reunião de formação. O conceito teve seu sentido expandido e passou a ser usado no contexto da Educação quando se quer imprimir, no seu texto, a autenticidade e a singularidade das práticas escolares, no dia a dia, na concretude e na indissociabilidade entre teorias e vivências e o utilizamos aqui para expor nossa autoavaliação da experiência.

METODOLOGIA

A proposta desta atividade surgiu de um relato de um integrante do grupo PIBID, que, em diálogo com o professor de Ensino Religioso da escola, identificou a necessidade de uma abordagem mais envolvente para apresentar as religiões de matriz africana aos estudantes do





8º ano, os quais haviam demonstrado interesse pelo tema. Decidiu-se, então, organizar uma exposição interativa para proporcionar uma experiência de aprendizagem mais significativa.

A exposição foi estruturada em três eixos: 1) apresentação individual de três religiões – Quimbanda, Umbanda e Nação Cabinda –, incluindo uma entidade representativa, seus elementos simbólicos e um breve contexto histórico; 2) exploração dos elementos musicais comuns a essas tradições; e 3) socialização de relatos de praticantes, a pedido do professor, para evidenciar que são pessoas integradas à sociedade.

A atividade iniciou com a apresentação dos integrantes do PIBID pelo professor. Os estudantes foram então conduzidos ao auditório, onde receberam um folder com um resumo da exposição. A mediação foi liderada por Luiz Felipe, auxiliado pelos demais pibidianos. Durante a exploração guiada, os alunos levantaram questionamentos, inclusive sobre ditos populares, como o uso pejorativo do termo “macumba” ou a ideia de que oferendas possam “amaldiçoar” quem as toca. Essas dúvidas foram esclarecidas, destacando-se que a exposição visava apresentar a diversidade religiosa, e não a conversão.

Para a representação das religiões, selecionaram-se entidades e elementos distintivos. A Quimbanda foi representada pela Pomba-Gira, simbolizada por um manequim com trajes típicos e um leque. Já a Umbanda teve Ogum como figura central, representado por um manequim com cores branco e vermelho, portando uma lança e um capacete. Por fim, a Nação Cabinda foi representada por Iemanjá, cujo manequim vestia branco e uma coroa de pérolas. Todos os objetos e indumentárias foram cedidos pelo pibidiano Luiz Felipe, provenientes do terreiro comandado por sua mãe, a família religiosa, fundada em abril de 2003, na cidade de Capão da Canoa, com nome jurídico Associação de Africanidades Mãe Iemanjá e Pai Oxalá, comumente conhecida como Família Bemiké traz consigo o amor, a união e a fé as entidades que guiam o caminho de cada integrante deste grupo.

A escolha dos elementos representativos foi realizada em grupo, mas com a liderança de Luiz Felipe. Cada escolha foi resultante de momentos de reflexão das inúmeras vivências dele enquanto afrodescendente e “macumbeiro”, criado dentro de uma casa de religião pela sua mãe que a mais de 30 anos demonstra seu amor pelo que faz, seu carinho pelos que ajuda e seu acolhimento para quem precisa, traz a certeza que independente do culto, a crença é maior que tudo. Ambos passaram por momentos onde muitas vezes não ganharam o poder de



fala, e foram limitados a não manifestar a sua cultura para os demais, cultura esta que faz parte da construção sociocultural do nosso Brasil. Ao fazer parte de uma família que se dedica diariamente para a sua religião ele pode expandir a suas crenças a comunidade escolar do bairro Santa Rosa, tornando o aprendizado dos estudantes mais significativo.

Na Quimbanda, ilustrada na figura 01, simbolizada pelo culto a Exu e a Pomba-Gira, espíritos em evolução que se manifestam por incorporação. Abordaram-se também elementos como a numerologia (7 e múltiplos), oferendas (como milho, azeite de dendê e cachaça para Exu; bombons e rosas para Pomba-Gira) e a saudação "Laroyê". Discutiu-se ainda a sacralização – ritual de troca energética com uso de animais, cuja carne é posteriormente consumida – e o uso ritualístico de álcool e fumo, explicado como forma de as entidades absorverem energias negativas, como vícios.

Para a Umbanda, ilustrado na figura 02, destacou-se a estrutura em sete linhas e a representação de Ogum – guerreiro desbravador de caminhos, com cores verde e vermelho, ferramentas como lanças e oferendas que incluem farinha de mandioca com dendê e laranjas. Salientou-se o sincretismo com São Jorge (comemorado em 23 de abril) e a saudação "Ogum Iyê".

A Nação Cabinda, ilustrada na figura 03, focou-se em Iemanjá, orixá das águas e da fertilidade, com cor azul claro, contagem 8 e oferendas como canjica branca, cocada e jóias prateadas. Abordou-se a festa de 2 de fevereiro, sincronizada com Nossa Senhora dos Navegantes, e a saudação "Odoyá". Em todos os casos, enfatizou-se que as oferendas expressam gratidão, promessas ou pedidos, sendo uma prática relacional e não maléfica.

No segmento musical, expuseram-se instrumentos fundamentais como o tambor, o agê (xequerê), o agogô e a sineta, explicando sua origem africana e função invocatória nos rituais. Contrastou-se a denominação das músicas: pontos (Umbanda e Quimbanda) e rezas em iorubá (Nação Cabinda).

Por fim, compartilharam-se relatos de praticantes – uma líder religiosa e uma professora da rede pública –, visando desconstruir estereótipos e mostrar a normalidade social dos fiéis. Reiterou-se, ao final, que o objetivo era promover o respeito à diversidade religiosa, e não a adesão a qualquer crença.



Figura 01 - Representação Quimbanda



Fonte: Os autores (2023).

Figura 02 - Representação Umbanda



Figura 03 - Representação Nação



Fonte: Os autores(2023).



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ressalta-se que desde a elaboração das ideias e confecção dos materiais necessários, acreditava-se que a proposta seria de suma importância para os estudantes. Durante os momentos de confecção e organização a escola, através da coordenadora Aline de Oliveira, se manteve à disposição com materiais e espaço, e apoio a iniciativa do projeto pedagógico.

Todo projeto parte de uma ideia inicial que pode ser revista caso necessário, inicialmente, planejamos uma exposição autoguiada seguida por uma discussão em sala de aula sobre as dúvidas dos estudantes em relação às religiões apresentadas. Contudo, ao considerarmos essa abordagem, concluímos que seria mais construtivo guiar os estudantes através da exposição, apresentando e explicando os elementos, e respondendo às dúvidas surgidas no momento. Dessa forma, o projeto foi concluído em uma única aula, ao invés das duas inicialmente previstas.

Foi evidente que muitos discentes estavam tendo seu primeiro contato com os elementos das religiões apresentadas, o que contribuiu para desmistificar concepções errôneas, como a associação das religiões de matriz africana com o mal. Ao apresentarmos fisicamente esses elementos, conseguimos tornar essa religião mais tangível para os estudantes.

Todos os elementos que planejamos apresentar foram abordados, tanto verbalmente quanto visualmente, e acreditamos que alcançamos nossos objetivos. A interação com os estudantes foi muito construtiva, e foi gratificante observar o interesse deles, com questionamentos pertinentes e respeito às discussões realizadas.

Destacamos um estudante que participa de uma das religiões, a Umbanda, que questionou a cor atribuída a Ogum na apresentação, mencionando que no seu segmento a cor é diferente. Esse questionamento ressalta a diversidade presente nessas religiões, que pode variar de acordo com a localidade. Outro exemplo interessante foi um estudante que participa do culto religioso conhecido como Testemunhas de Jeová, que se absteve de participar das oferendas exemplificadas e não quis ser fotografado, mas demonstrou atenção durante toda a explicação, sem jamais desrespeitar o que estava sendo discutido.

Um aspecto positivo do projeto foi a participação ativa do professor de Ensino Religioso, tanto no planejamento quanto na execução. Suas perguntas contribuíram para a





construção do conhecimento, e suas observações estabeleceram conexões entre o conteúdo da exposição e o que foi abordado em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desenvolver esta proposta pode-se proporcionar uma nova perspectiva sobre a religião de matriz africana aos estudantes que vivenciaram essa exposição. O contexto da diversidade religiosa, do respeito às diferenças e valorização da cultura brasileira vem de encontro a função social da escola, onde o estudante deve compreender o contexto sociocultural ao qual está inserido, de forma a se apropriar da diversidade e valorizar essa riqueza. Ao dialogarmos com alguns pais dos estudantes, obtivemos uma resposta positiva em relação à atividade, pois ela auxiliou os estudantes que praticam essas religiões a enfrentarem a discriminação velada que afeta essas comunidades religiosas, permitindo-lhes compartilhar sua fé por meio de relatos e até mesmo publicações em redes sociais. Demonstrando assim que o objetivo que tínhamos no início do projeto foi alcançado.

Assim, ao promover um momento de experimentação e compreensão de uma vertente religiosa tão discriminada se pode realizar a desconstrução desses pré conceitos oriundos da falta de informação. Ao entender que assim como qualquer religião tem-se sobretudo a fé como eixo central, pode-se dessa forma passar a respeitar e entender que como cada religião realiza seu culto de forma a atingir seu ponto clímax de crença.

Ressaltamos que ao vivenciar, enquanto pesquisadores, essa experiência da busca pela compreensão das religiões de matriz africana a desconstrução de paradigmas foi gigantesca, onde ao reconhecer os fundamentos de cada segmento, a importância de cada objeto ou até mesmo cada momento a ser vivenciado durante a vida enquanto praticamente da religião de matriz africana nos mostrou muita similaridade com as demais regiões, que são menos discriminadas, destacando a fé como o eixo central de qualquer prática e acima de qualquer ação.

Destarte, ao realizar um resgate histórico da chegada da religião de matriz africana no Brasil, pode destacar que faz parte do nosso patrimônio histórico⁶ e cultural, devendo ser

⁶Sobre o conceito de patrimônio histórico Feiber (2007, pág. 41) diz que “[...]representa um signo que reúne, no espaço, dois aspectos, a forma material (a aparência) e um determinado conteúdo sócio (o seu significado)”.





discutida nos espaços educativos de forma a sensibilizar os educandos sobre a diversidade religiosa do nosso país e a contribuição histórica do povo negro desde o processo de colonização até os dias atuais para o desenvolvimento do nosso país. Contudo, espera-se que a partir dessas vivências os educandos tenham conseguido compreender que indiferente a religião, o respeito, a valorização e a crença perpassam qualquer tipo de preconceito e/ou discriminação.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Júlio Groppa. **A questão ética na educação escolar**. In: Boletim Técnico do Senac, v. 25, n. 1, p. 2-13, 2017. Disponível em: <https://www.bts.senac.br/bts/article/view/590>. Acesso em: 14 nov. 2023.
- BLASS, Leila Maria da Silva. **Dois de fevereiro, Dia de Iemanjá, Dia de Festa no Mar**. Revista Nures nº 5 – Janeiro/Abril 2007 – <http://www.pucsp.br/revistanures> Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Pontifícia Universidade Católica – SP. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/view/7334/5330>. Acesso em 01 abr. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRITO, Ênio José da Costa. **RELIGIÃO E RESISTÊNCIA DAS CULTURAS POPULARES**. Espaços, São Paulo, v. 8, n.1, p. 71-77, 2000.
- EVANGELISTA, Lázaro de Oliveira. **RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA / AFRO-BRASILEIRA: Lócus de resistência, acolhimento e educação**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/200101/001102404.pdf>. Acesso em: 30 set. 2023.
- FEIBER, Silmara Dias. **O papel do patrimônio histórico na construção do lugar: a Igreja Nossa Senhora de Fátima em Cascavel – PR**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/25735/Dissertacao_Silmara_Dias_Feiber_2007_Complet%20%20a.pdf?sequence=1. Acesso em: 30 set. 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 76.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2023.





MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de. A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em religião na CDD. **Revista África e Africanidades**. Ano I, n. 4, fev. 2009. ISSN 1983-2354. Disponível em:

https://africaeaficanidades.com.br/documentos/A_organizacao_do_etnoconhecimento.pdf. Acesso em: 30 set. 2023.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. As religiões de matrizes africanas, resistência e contexto escolar: entre encruzilhadas. In: **Memória do Baobá II**. Fortaleza: Editora UFC, 2017.

NETO, Antonio Alves Teixeira. **O livro dos médiuns de Umbanda**. Rio de Janeiro: Editora ECO. ^a edição, 2009.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Pedagogia da Diferença**. Belo Horizonte: Nandyala, 2009. (Coleção Repensando África, volume 2), p. 9 – 68.

SARACENI, Ruben Aves. **O código de Umbanda**. [In] Espíritos diversos: obras meiúnicas psicografada por Rubens Alves Saraceni: - São Paulo: Cristális Editora e Livraria, 1998.

SILVA, Paulo Sergio da. **Educação Escolar Quilombola: Das resistências negras aos contornos pedagógicos na Comunidade Quilombola de Casca (RS)**. São Paulo: Pragmatha, 2022. p. 203 - 220

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

